



## ações pedagógicas do professor de educação física para inclusão com esportes adaptados

### PEDAGOGICAL ACTIONS OF THE PHYSICAL EDUCATION TEACHER FOR INCLUSION WITH ADAPTED SPORTS

Priscilla Batista da Mata. Especialista em Educação Inclusiva e Mestranda em Educação pelo Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Estadual de Feira de Santana (UEFS).

priscillabatista.dmata@hotmail.com

Evódio Maurício Oliveira Ramos. Doutor em Educação pela Universidade Estadual do Ceará (UECE). Professor Adjunto da Universidade Estadual de Feira de Santana (UEFS).

emoramos@uefs.br

#### RESUMO

A Educação Física escolar, ao integrar o corpo, o movimento e a convivência, possui um papel social e educativo singular na promoção da inclusão. O presente artigo discute ações pedagógicas do professor de Educação Física para favorecer a inclusão de alunos com deficiência nas aulas, com foco no uso dos esportes adaptados — boliche, bocha, *goalball* e lançamento de dardos. A pesquisa é de natureza bibliográfica, fundamentada em autores como Mantoan (2003), Freire (1996), Rodrigues (2006; 2017), Sassaki (2006), Darido e Rangel (2005), e Bracht (2011). O estudo analisa os princípios da inclusão e as possibilidades pedagógicas da Educação Física, destacando adaptações, mediações e estratégias que possibilitam o acesso, a permanência e o protagonismo dos alunos com deficiência. Conclui-se que a inclusão nas aulas de Educação Física demanda sensibilidade docente, conhecimento técnico e compromisso ético, de modo que o esporte adaptado seja compreendido não apenas como ferramenta recreativa, mas como prática transformadora e humanizadora.

**Palavras-chave:** inclusão; educação física; esporte adaptado; práticas pedagógicas; formação docente.

#### ABSTRACT

*Physical Education, by integrating body, movement, and coexistence, plays a unique social and educational role in promoting inclusion. This article discusses pedagogical actions of Physical Education teachers to foster the inclusion of students with disabilities in classes, focusing on adapted sports — bowling, bocchia, goalball, and javelin throw. The research is bibliographic in nature and is based on authors such as Mantoan (2003), Freire (1996), Rodrigues (2006; 2017), Sassaki (2006), Darido and Rangel (2005), and Bracht (2011). The study analyzes the principles of inclusion and the pedagogical possibilities of Physical Education, emphasizing adaptations, mediation, and strategies that enable access, participation, and student protagonism. It concludes that inclusion in Physical Education classes demands teacher sensitivity, technical knowledge, and ethical commitment, so that adapted sports are understood not only as recreational tools but as transformative and humanizing practices.*

**Keywords:** inclusion; physical education; adapted sports; pedagogical practices; teacher education.

---

## 1 INTRODUÇÃO

A Educação Física, como componente curricular da Educação Básica, desempenha um papel essencial na formação integral do estudante, promovendo o desenvolvimento motor, cognitivo, afetivo e social. No entanto, a consolidação de práticas inclusivas nesse campo ainda enfrenta desafios, sobretudo no que se refere à efetiva participação de alunos com deficiência ou necessidades educacionais específicas nas aulas (Mantoan, 2003; Rodrigues, 2006).

No cenário educacional brasileiro, a inclusão consolidou-se como um princípio político e pedagógico, ancorado em legislações como a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB, Brasil, 1996), a Política Nacional de Educação Especial na Perspectiva da Educação Inclusiva (Brasil, 2008) e a Base Nacional Comum Curricular (BNCC, Brasil, 2018). Esses documentos reforçam o compromisso da escola com o direito à educação para todos, propondo práticas que valorizem a diversidade e rompam com paradigmas excludentes.

No campo da Educação Física, a inclusão assume contornos específicos, pois o movimento, o corpo e o jogo são elementos centrais da experiência educativa. Como afirma Freire (1996, p. 45), “[...] ensinar não é transferir conhecimento, mas criar possibilidades para a sua própria produção ou construção”. Assim, cabe ao professor criar condições pedagógicas que possibilitem a todos os estudantes a vivência do movimento em suas múltiplas dimensões, reconhecendo suas potencialidades e singularidades.

A prática pedagógica inclusiva exige, portanto, um olhar atento às diferenças e uma atuação docente que articule aspectos técnicos, éticos e afetivos. Sasaki (2006) define inclusão como um processo de transformação da sociedade para que todos participem de forma plena, e não apenas como uma adequação individual. Nessa perspectiva, a Educação Física pode ser um espaço privilegiado de inclusão, desde que o professor esteja preparado para adaptar regras, equipamentos e estratégias de ensino.

Dessa forma, este artigo tem como objetivo analisar as ações pedagógicas do professor de Educação Física na promoção da inclusão, por meio do uso dos esportes

adaptados boliche, bocha, *goalball* e lançamento de dardos sendo estratégias de ensino e aprendizagem acessíveis e transformadoras.

## 2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

A construção de uma escola inclusiva é resultado de um longo processo histórico de lutas políticas e transformações conceituais sobre deficiência, diferença e diversidade. A inclusão escolar implica romper com a lógica da normalização e reconhecer o valor educativo da diferença. Isso significa que a inclusão não deve ser entendida como concessão, mas como direito (Mantoan, 2003).

### 2.1 EDUCAÇÃO INCLUSIVA E O PAPEL DO PROFESSOR

A inclusão escolar, no contexto da Educação Física, pressupõe a presença de um professor reflexivo e mediador, capaz de compreender as limitações e potencialidades dos alunos, transformando desafios em oportunidades de aprendizagem. A mediação pedagógica na Educação Física inclusiva envolve adaptar os conteúdos sem descaracterizá-los, favorecendo o engajamento e a autonomia dos estudantes (Rodrigues, 2006).

O educador precisa adotar uma postura dialógica, na qual o ato de ensinar é também um ato de aprender. Essa visão é fundamental na construção de uma prática inclusiva, pois reconhece o aluno com deficiência como sujeito ativo e produtor de conhecimento, e não como mero receptor de adaptações (Freire, 1996).

O professor de Educação Física deve superar a ideia de que o aluno com deficiência é incapaz de realizar determinadas atividades. A função do educador é criar situações pedagógicas acessíveis, garantindo o direito de participação de todos, ainda que em ritmos e níveis diferentes (Carvalho, 2011).

A Educação Física precisa ser compreendida em sua dimensão cultural, como expressão de significados sociais do corpo e do movimento. Nesse sentido, a prática inclusiva amplia o conceito de corporeidade, valorizando a diversidade das formas de se mover e de estar no mundo (Bracht, 2011).

## 2.2 ESPORTES ADAPTADOS COMO ESTRATÉGIAS DE INCLUSÃO

Os esportes adaptados constituem um campo fértil para a promoção da inclusão, pois permitem experiências significativas de superação, cooperação e respeito mútuo. Essas práticas possibilitam que todos os estudantes (com ou sem deficiência), participem ativamente das aulas, fortalecendo o senso de pertencimento e de coletividade (Castro; Silva, 2018).

A bocha e o boliche adaptado, por exemplo, favorecem o desenvolvimento de habilidades motoras finas, percepção espacial e coordenação, podendo ser utilizados com diferentes níveis de complexidade. Já o *goalball*, criado para pessoas com deficiência visual, pode ser uma excelente ferramenta pedagógica para sensibilizar os demais alunos quanto à importância da percepção auditiva e da empatia (Oliveira; Souza, 2017). O lançamento de dardos adaptado, por sua vez, estimula a coordenação e o controle do movimento, podendo ser adaptado por meio do uso de dardos leves, alvos ampliados ou suportes de apoio.

A inserção dos esportes adaptados na escola deve ser orientada por um projeto pedagógico coletivo, que envolva toda a comunidade escolar, e não apenas como atividade isolada. Essa abordagem potencializa a aprendizagem, pois coloca em prática o princípio da convivência e da cooperação (Rodrigues, 2017).

Sassaki (2006) complementa que a inclusão verdadeira ocorre quando todos os alunos se reconhecem como parte do processo educativo, independentemente de suas diferenças. O esporte adaptado, ao possibilitar que cada um contribua de acordo com suas capacidades, transforma o ambiente escolar em espaço de solidariedade e equidade.

## 2.3 FORMAÇÃO DOCENTE E COMPETÊNCIA PEDAGÓGICA

Para que a inclusão se efetive, é necessário que o professor tenha formação continuada e domínio teórico-prático sobre as especificidades da deficiência e das adaptações esportivas. O processo de ensino na Educação Física deve ser planejado

com base em objetivos formativos e inclusivos, e não apenas competitivos ou recreativos (Darido; Rangel, 2005).

A formação do professor de Educação Física precisa contemplar conteúdos sobre Educação Especial, acessibilidade e didática inclusiva, de modo que o educador possa atuar com segurança e criatividade. A prática inclusiva não depende apenas de recursos materiais, mas da atitude pedagógica do docente, que deve ser pautada na empatia e na valorização das diferenças (Pires, 2019).

Nesse contexto, a Educação Física assume um papel estratégico na formação cidadã, promovendo valores como respeito, cooperação e solidariedade, que extrapolam o espaço da escola e se estendem à vida em sociedade.

A compreensão da inclusão na Educação Física requer um olhar crítico sobre as concepções históricas de corpo, deficiência e diferença. Tradicionalmente, a escola e em especial a Educação Física esteve vinculada a modelos excludentes, nos quais o rendimento, a performance e a normalidade eram valorizados em detrimento da diversidade corporal (Bracht, 1999; Darido, 2003). A partir do paradigma da inclusão, entretanto, há uma ressignificação dessas práticas, reconhecendo que a educação deve atender a todos, independentemente das condições físicas, sensoriais, cognitivas ou emocionais dos estudantes (Mantoan, 2015).

A inclusão implica romper com a lógica integracionista, que apenas “aceita” o aluno diferente sem modificar a estrutura da escola. O processo inclusivo exige transformações pedagógicas profundas, nas quais o currículo e as metodologias sejam repensados para atender à heterogeneidade das turmas. Nesse sentido, o papel do professor de Educação Física ultrapassa a simples adaptação de atividades: trata-se de repensar a função social do corpo e do movimento na formação humana (Mantoan, 2015).

A inclusão é um processo de “transformação dos sistemas sociais”, no qual as barreiras físicas, comunicacionais e atitudinais devem ser eliminadas. No contexto escolar, isso implica desenvolver práticas pedagógicas que valorizem a cooperação, o respeito e a solidariedade. A Educação Física, por lidar diretamente com a interação entre os corpos, torna-se um campo privilegiado para a vivência desses valores (Sasaki, 2010).

A prática docente inclusiva deve ser orientada por uma pedagogia da diversidade, em que cada aluno é visto como sujeito singular e participante ativo do

processo educativo. Essa pedagogia pressupõe o planejamento de aulas que contemplem a diferença como elemento constitutivo da aprendizagem, e não como obstáculo. O professor, nesse contexto, assume a função de mediador entre as potencialidades dos estudantes e as exigências do currículo (Rodrigues, 2003).

No campo específico dos esportes adaptados, autores como Brasil (2015) e Ferreira (2017) ressaltam que essas práticas não devem ser vistas como atividades paralelas ou secundárias, mas como componentes legítimos do currículo da Educação Física escolar. O uso do boliche, da bocha, do *goalball* e do lançamento de dardos nas aulas contribui para o desenvolvimento de habilidades motoras, cognitivas e sociais, além de promover a empatia e o respeito mútuo.

Ensinar é um ato político, e na Educação Física isso se expressa na forma como o professor organiza o espaço da aula. Criar oportunidades para que todos participem é, portanto, um gesto de resistência às práticas excludentes. Ao adaptar regras, equipamentos e estratégias, o docente materializa o princípio da equidade, garantindo que cada aluno possa aprender a partir de suas condições reais (Freire, 1996).

A fundamentação teórica, portanto, articula os princípios da educação inclusiva com a prática pedagógica da Educação Física, evidenciando que o esporte adaptado é um meio potente para concretizar o direito à participação e à aprendizagem de todos os estudantes.

### **3 METODOLOGIA**

Este estudo caracteriza-se como uma pesquisa de natureza qualitativa e bibliográfica, que tem por objetivo analisar, com base em referenciais teóricos e experiências pedagógicas documentadas, as ações do professor de Educação Física voltadas à inclusão por meio de esportes adaptados. De acordo com Gil (2010), a pesquisa bibliográfica permite compreender fenômenos educacionais a partir de fontes já publicadas, possibilitando uma reflexão crítica e sistematizada.

Para alcançar os objetivos propostos, realizou-se uma revisão narrativa da literatura sobre educação inclusiva, práticas pedagógicas na Educação Física e esportes adaptados. Foram consultadas obras e artigos científicos disponíveis em bases como SciELO, CAPES e o Portal de Periódicos da UEFs, priorizando publicações entre 2000 e 2024, período de consolidação das políticas inclusivas no Brasil. Os principais autores mobilizados foram Sasaki (2010), Mantoan (2015), Rodrigues (2003), Darido e Rangel (2019), Bracht (1999), Carvalho (2012) e Freire (1996), além de documentos oficiais do Ministério da Educação e da ONU.

A análise dos dados bibliográficos foi realizada por meio de interpretação crítica e categorização temática, conforme os eixos:

1. O papel pedagógico do professor na inclusão escolar;
2. As adaptações metodológicas e tecnológicas na Educação Física;
3. A utilização dos esportes adaptados como prática inclusiva.

Com base nessas categorias, foi estruturada uma discussão que articula teoria e prática, buscando evidenciar as potencialidades pedagógicas do boliche, da bocha, do *goalball* e do lançamento de dardos como ferramentas de inclusão e desenvolvimento integral dos alunos.

#### **4 RESULTADOS E DISCUSSÃO**

A análise bibliográfica realizada, sustentada na metodologia qualitativa e na revisão narrativa da literatura, permitiu identificar ações pedagógicas centrais para a promoção da inclusão nas aulas de Educação Física por meio dos esportes adaptados. As categorias previamente definidas foram: (1) conhecimento das necessidades dos alunos; (2) adaptação metodológica; (3) uso de tecnologias assistivas; (4) aprendizagem cooperativa; e (5) avaliação inclusiva, as quais emergiram com força na literatura e dialogam diretamente com as práticas relatadas

por professores comprometidos com uma abordagem inclusiva. A seguir, os resultados são apresentados e discutidos com base nos autores analisados.

#### 4.1 CONHECIMENTO DAS NECESSIDADES E POTENCIALIDADES DOS ALUNOS

Os estudos analisados convergem para a ideia de que o ponto de partida da prática inclusiva é o conhecimento profundo das singularidades dos estudantes. A observação sistemática, o diálogo com os alunos e o contato com suas famílias constituem estratégias fundamentais para identificar não apenas limitações, mas também interesses e potencialidades (Rodrigues, 2003).

A literatura mostra que a inclusão depende do reconhecimento da diferença como valor educativo, e não como obstáculo. Ao conhecer seus estudantes, o professor pode antecipar barreiras e propor ajustes que respeitem ritmos e formas diversas de aprender. Exemplo disso aparece na literatura quando se discute o uso da rampa de lançamento no boliche adaptado, recurso que possibilita a participação ativa de alunos com paralisia cerebral — desde que utilizado com intencionalidade pedagógica (Sasaki, 2010)

A construção de aulas inclusivas exige uma escuta sensível das experiências e desejos dos estudantes. Professores que valorizam essa escuta fortalecem o pertencimento e o engajamento, ampliando as possibilidades de participação nas práticas corporais e esportivas (Darido; Rangel, 2019).

#### 4.2 ADAPTAÇÃO DE REGRAS, ESPAÇOS E EQUIPAMENTOS

Uma das ações mais recorrentes na literatura é a adaptação pedagógica. Adaptar, conforme Carvalho (2012), não significa simplificar a aula, mas reorganizar condições para que todos possam participar com dignidade e segurança. Isso envolve ajustes nas regras, na intensidade das atividades, na organização espacial e no uso de materiais alternativos.

Nas práticas esportivas analisadas, essas adaptações mostram-se determinantes. No boliche adaptado, a utilização de garrafas plásticas como pinos, bolas leves e rampas improvisadas permite que alunos com deficiência motora ou força reduzida participem com autonomia. Essas medidas preservam o caráter lúdico da atividade e promovem protagonismo. Ao organizar as equipes de forma cooperativa, o professor estimula comunicação, respeito e empatia elementos essenciais para a desconstrução de estereótipos (Mantoan, 2003).

A bocha adaptada, reconhecida como modalidade paralímpica, aparece na literatura como prática eficaz para turmas inclusivas. O uso de esferas leves, marcações visuais e adaptações no espaço favorece a participação de estudantes com paralisia cerebral e outras deficiências motoras. A modalidade desenvolve coordenação fina, atenção e planejamento, além de estimular o trabalho em equipe (Ferreira, 2017). A prática reforça valores como paciência, respeito e solidariedade, essenciais à cultura escolar inclusiva (Rodrigues, 2006).

O *goalball* é destacado como uma das modalidades mais potentes para a promoção da empatia. Ao utilizar vendas para todos os alunos, o professor possibilita que estudantes videntes vivenciem desafios sensoriais semelhantes aos de pessoas com deficiência visual. A comunicação verbal torna-se elemento central, ampliando a cooperação e a percepção auditiva (Mantoan, 2015). O uso de bolas com guizos e demarcações táteis no chão garante segurança e acessibilidade, favorecendo aprendizagens sobre respeito e inclusão (Silva; Duarte, 2018).

No lançamento de dardos adaptado, a prática pode ser realizada com dardos de espuma, bastões leves ou garrafas plásticas. A literatura indica que a adaptação da distância e do tamanho dos alvos possibilita a participação de alunos com diferentes deficiências, estimulando coordenação, precisão e controle postural (Rodrigues, 2003).

Freitas e Pires (2020) ressaltam que, ao valorizar o esforço individual e o progresso pessoal, o professor reforça a autoconfiança dos estudantes e contribui para uma vivência esportiva mais humanizada. Essas adaptações exemplificam a “acessibilidade atitudinal”, definida como a disposição do educador em criar condições reais de participação, independentemente de recursos sofisticados (Sasaki, 2010).

#### 4.3 USO DE TECNOLOGIA ASSISTIVA E RECURSOS DIDÁTICOS INOVADORES

A literatura analisada revela que as tecnologias assistivas desempenham papel central na ampliação das possibilidades de participação nas aulas de Educação Física. Elas envolvem recursos e serviços que promovem autonomia funcional e participação social (Bersch, 2017).

A tecnologia, no entanto, só se torna inclusiva quando articulada a um propósito pedagógico claro. No boliche adaptado, a rampa não é apenas um suporte, mas um mediador que permite ao aluno vivenciar a ação de lançar, tomar decisões e acompanhar resultados; no *goalball*, a bola com guizo desenvolve percepção auditiva e orientação espacial; na bocha e no lançamento de dardos, marcadores táteis, sons orientadores e alvos diferenciados contribuem para segurança e organização motora.

Sob a perspectiva freireana, a tecnologia deve ampliar a liberdade e não gerar dependência. O professor é quem transforma o recurso em instrumento de aprendizagem significativa, assegurando participação cognitiva, afetiva e social (Freire, 1996).

#### 4.4 TRABALHO EM EQUIPE E APRENDIZAGEM COOPERATIVA

A revisão mostrou que práticas cooperativas são fundamentais para romper barreiras atitudinais. A Educação Física, por sua natureza coletiva, constitui espaço privilegiado para vivências de empatia e solidariedade. A cooperação permite que os estudantes aprendam a lidar com diferenças, reconhecendo que cada membro da equipe contribui de maneira singular (Pires; Darido, 2014).

Nas modalidades analisadas, o boliche e a bocha favorecem o trabalho em duplas e trios, promovendo ajuda mútua, diálogo e responsabilidade compartilhada. Já o *goalball* exige comunicação constante e confiança, tornando o grupo dependente da colaboração de todos. As escolas inclusivas são aquelas que reconhecem o valor de cada aluno e constroem relações éticas e solidárias. O papel do professor é mediar

conflitos, incentivar a escuta e criar desafios que estimulem o apoio mútuo (Carvalho, 2012).

#### 4.5 *FEEDBACK*, AVALIAÇÃO E VALORIZAÇÃO DOS PROGRESSOS INDIVIDUAIS

A construção de práticas avaliativas inclusivas também requer que o professor compreenda a diversidade como elemento constitutivo do processo educativo, e não como exceção. Isso implica reconhecer que os alunos aprendem de modos diferentes, em tempos distintos e por meio de múltiplas formas de expressão corporal. Assim, a avaliação deve considerar não apenas o produto final, mas todo o percurso de aprendizagem, valorizando tentativas, estratégias adotadas e níveis de participação. Essa concepção dialoga com Freire (1996), ao defender que a avaliação deve ser um ato dialógico, capaz de promover consciência crítica e fortalecimento da autonomia dos estudantes.

Outro aspecto relevante é a necessidade de planejar instrumentos avaliativos flexíveis, que permitam ajustes constantes conforme as demandas de cada turma e de cada aluno. A literatura aponta que observações sistemáticas, registros reflexivos e autoavaliações podem se tornar ferramentas potentes quando utilizadas de forma articulada e sensível (Carvalho, 2012). A autoavaliação, por exemplo, contribui para que o estudante reconheça seus próprios avanços, desafios e estratégias, fortalecendo a metacognição e a corresponsabilidade pelo processo de aprender. Nessa perspectiva, o professor deixa de ser apenas o julgador de desempenhos e passa a atuar como mediador e incentivador de percursos formativos.

Por fim, é fundamental compreender que a avaliação inclusiva não se limita ao campo metodológico, mas está profundamente relacionada às dimensões éticas e políticas da Educação Física. Avaliar de maneira inclusiva significa romper com modelos que historicamente excluíram aqueles que não se ajustavam a padrões de desempenho, valorizando apenas o mais forte, o mais rápido ou o mais habilidoso. Ao adotar critérios que reconhecem singularidades, o professor contribui para transformar a cultura escolar, promovendo uma prática que valoriza o direito de todos ao movimento, ao jogo e ao desenvolvimento humano integral conforme defendem

Bracht (1999) e Sasaki (2010) ao enfatizarem a centralidade da diversidade e da participação como fundamentos da inclusão.

## 5 CONCLUSÃO

A inclusão na Educação Física escolar configura-se como um processo contínuo, fundamentado na compreensão de que todos os estudantes são sujeitos de direitos e participantes legítimos das práticas corporais. Os achados deste estudo reforçam que a efetivação da inclusão não está condicionada apenas à disponibilidade de recursos materiais, mas sobretudo à postura pedagógica do professor, que deve atuar de forma sensível, crítica e comprometida com as diferenças humanas, como defendem Mantoan (2015) e Sasaki (2010).

As ações pedagógicas discutidas, especialmente aquelas relacionadas à mediação ativa do professor, ao planejamento flexível e às adaptações metodológicas, demonstram que a Educação Física inclusiva depende de decisões didáticas fundamentadas no respeito e na criatividade. Isso é coerente com a perspectiva dialógica do ensino, na qual ensinar implica aprender continuamente com os estudantes (Freire, 1996), reconhecendo-os como produtores de conhecimento.

Os resultados evidenciaram que o uso de esportes adaptados, como boliche, bocha, *goalball* e lançamento de dardos, constitui uma estratégia pedagógica potente. Esses esportes ampliam as possibilidades de participação, fortalecem a autonomia e estimulam o desenvolvimento motor, social e afetivo dos alunos, em consonância com os princípios de acessibilidade defendidos por Carvalho (2012) e com a concepção ampliada de corporeidade discutida por Bracht (1999). Quando o professor adapta regras, equipamentos e espaços, cria condições efetivas para que todos participem em ritmos e níveis distintos, reafirmando o caráter inclusivo da prática.

Conclui-se que o professor de Educação Física tem papel central na construção de ambientes escolares verdadeiramente acessíveis. Seu olhar atento, sua mediação qualificada e sua atitude ética e afetiva são capazes de romper barreiras atitudinais e pedagógicas, promovendo experiências que sustentam a convivência democrática

e a valorização da diversidade. A inclusão depende de práticas que reconheçam o potencial dos estudantes e ampliem sua participação (Rodrigues, 2003).

Por fim, destaca-se que a formação docente precisa ser contínua, crítica e alinhada aos princípios inclusivos, permitindo que o educador transforme desafios em oportunidades. Para isso, é imprescindível que políticas institucionais, processos formativos e condições estruturais sustentem o compromisso com uma Educação Física que seja, de fato, dialógica, participativa e inclusiva.

Apesar dos avanços evidenciados, é necessário reconhecer que a inclusão na Educação Física ainda enfrenta desafios estruturais significativos. A literatura aponta que muitas práticas excludentes persistem não por falta de recursos, mas devido à reprodução de uma lógica escolar tradicional que valoriza rendimento, padronização e competitividade, elementos que dificultam a participação de estudantes com deficiência.

Isso exige que o professor reflita criticamente sobre a própria prática, questionando modelos historicamente consolidados e adotando perspectivas que priorizem aprendizagens significativas e relações humanas mais solidárias, como defendem Darido e Rangel (2019). Dessa forma, a inclusão passa a ser entendida não como um conjunto de técnicas, mas como uma postura ética situada no cotidiano escolar.

Além disso, torna-se fundamental que a escola como instituição assuma a inclusão como projeto coletivo, e não como responsabilidade isolada do professor de Educação Física. A efetivação de práticas inclusivas requer diálogo interdisciplinar, apoio pedagógico, gestão escolar comprometida e políticas educativas que assegurem condições reais de trabalho. Essa visão integrada está alinhada ao que Mantoan (2015) aponta como mudança paradigmática necessária para que a inclusão deixe de ser um discurso e se torne ação concreta. Assim, somente quando toda a comunidade escolar se envolve no processo é que se constroem ambientes realmente acessíveis, capazes de acolher as singularidades e potencializar o desenvolvimento integral de todos os estudantes.

## REFERÊNCIAS

- BERTOLINI, C. S. **Educação Física e Inclusão: práticas pedagógicas para todos**. Curitiba: CRV, 2020.
- BERSCH, R. **Tecnologia Assistiva e Acessibilidade: práticas e reflexões**. Porto Alegre: UFRGS, 2017.
- BRACHT, V. A constituição das teorias pedagógicas da Educação Física. **Cadernos CEDES**, Campinas, v. 19, n. 48, p. 69-88, 1999.
- BRASIL. **Política Nacional de Educação Especial na Perspectiva da Educação Inclusiva**. Brasília: MEC/SEESP, 2008.
- BRASIL. **Base Nacional Comum Curricular – Educação Física**. Brasília: MEC, 2018.
- CARVALHO, R. E. **Educação Inclusiva: com os pingos nos is**. Porto Alegre: Mediação, 2012.
- DARIDO, S. C.; RANGEL, I. C. A. **Educação Física na Escola: implicações para a prática pedagógica**. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2019.
- FERREIRA, M. P. **Esporte Adaptado: da iniciação à competição**. São Paulo: Phorte, 2017.
- FREIRE, P. **Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 1996.
- GIL, A. C. **Métodos e Técnicas de Pesquisa Social**. 6 ed. São Paulo: Atlas, 2010.
- MANTOAN, M. T. E. **Inclusão Escolar: pontos e contrapontos**. São Paulo: Summus, 2015.
- PIRES, G. L.; DARIDO, S. C. **Educação Física e Cultura Corporal: reflexões e perspectivas**. Campinas: Autores Associados, 2014.
- RODRIGUES, D. **Inclusão e Educação: doze olhares sobre a educação inclusiva**. São Paulo: Summus, 2003.
- SASSAKI, R. K. **Inclusão: construindo uma sociedade para todos**. 8 ed. Rio de Janeiro: WVA, 2010.